

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Jaqueline da Silva Oliveira

**VIDA E ETERNIDADE: A BELA MORTE NA CIVILIZAÇÃO ASTECA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Luciano Caldas Camerino

Juiz de Fora  
2024

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Jaqueline da Silva Oliveira acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201673067A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Vida e eternidade: A bela morte na civilização Asteca , desenvolvido durante o período de Março/2024 a Setembro/2024 sob a orientação do Professor Dr. Luciano Caldas Camerino, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**JAQUELINE DA SILVA OLIVEIRA**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de (  ) 1 ano, ou (  ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

## Vida e eternidade: A bela morte na civilização Asteca

Jaqueline da Silva Oliveira

**Resumo:** Esse trabalho tem como objetivo analisar através da bibliografia escolhida como a civilização Asteca e sua cosmovisão da morte, tendo como objeto central a bela morte para essa civilização e sua influência para a sociedade mexicana moderna. Através da observação acerca dos ritos fúnebres, das festividades e dos sacrifícios, as relações entre vida e morte nos guiarão pelo ciclo cosmológico dessa civilização.

**Palavras-chave:** Morte. Astecas. deuses. Bela morte. Vida. Ciclo.

### INTRODUÇÃO

Morrer é parte da vida, é o elo entre ser e não ser. Ao pensar na Morte, tentamos vislumbrar o fim da vida, mas, como? Pensar no fim é pensar em não ser, mas não Ser é algo que os vivos não sabem como é. A dúvida, a incerteza e a inexorabilidade é o que se sabe sobre a Morte. Ela é o nosso não Ser.

Existem diversas teorias acerca da Morte, de como ela se concretiza e para onde ela nos leva, mas a única certeza é que ela chega.

A cultura, a época, a sociedade, os rituais, a cosmologia, todas intrínsecas aos mistérios que a envolvem, aos rituais que a acompanham, nos apresentam diferentes visões e ideias sobre ela. Civilizações antigas tinham uma visão da morte muito diferente da visão moderna. Antes o que era abrupto e repentino se tornou mais controlável, postergável. Com o advento da medicina moderna e a descoberta dos antibióticos, com os tratamentos paliativos e cirurgias cada vez mais precisas temos hoje expectativas de vida cada vez mais longínquas, mas nada disso impede a morte.

A morte permite que os seres existam por um determinado tempo, tornando possível que sua existência tenha sentido. Sendo finita, a vida exige escolhas, decisões e renúncias; sendo finita, a vida se dá no tempo. Se fôssemos imortais, nada teria sentido, a preocupação com o amanhã não existiria, escolhas não precisariam ser feitas, e nossa identidade não seria construída; a consciência do limite e da finitude não aprisiona o ser humano; é o mito moderno do progresso que nos faz desejar ser o que não somos, que nos faz aspirar ser deuses imortais, sempre jovens e belos. (CAMERINO, 2020, p. 41)

Apesar do fim ser temido, existe beleza na morte. Muitas culturas consideram determinadas causas e fatores da morte como “belas”, com base nas virtudes atribuídas ao que determinou a morte do indivíduo. Um ato nobre, um sacrifício, manter a honra, entre outras demonstrações de virtude, em muitas culturas pode atribuir-lhe o caráter de bela morte.

Na civilização asteca a morte não representa um fim e nela não se contém medo, mas contemplação. É um estado de transcendência e renovação, é um momento de elevação ou libertação, a vida perpassa a morte e a morte faz parte do ciclo da vida, por isso, abraça-a e corteja-a, como uma velha amiga. Ela faz parte da guerra, ela faz parte do ritual sacrificial e ela faz parte do fim, seja uma bela morte ou uma morte comum, os Astecas a tem como parte do trajeto e não como um ponto final, é nela que se realiza o ser, pois é nela que está o conforto da morada dos deuses.

Ao observarmos os relatos que temos acerca da Civilização Asteca, podemos notar através de suas nuances o que era considerado como uma bela morte nessa cultura, como veremos ao decorrer desse artigo.

## 1 - A BELA MORTE

Morrer é algo em comum entre todos os seres vivos, todos morrem um dia, as funções corporais não respondem mais, o coração para de funcionar, a carne e os tecidos são consumidos pela terra e pelo tempo até que restem só os ossos ou nem isso. Ela é temida por seus mistérios e pode ser carregada de dor e sofrimento, mas também pode ser bela e gloriosa. Nós atribuímos significados e simbologias, rituais fúnebres, luto, formas de revestir a morte de sentido.

Jean-Pierre Vernant em “a bela morte e o cadáver ultrajado” aborda a morte de Aquiles e elucida através da personagem a essência da bela morte do guerreiro homérico.

De acordo com Vernant, a bela morte é o completo oposto da morte tranquila de uma vida longa vindoura de doença ou velhice, ela se dá pela *areté*, a virtude do guerreiro, ela se dá na busca pela glória ainda na juventude. Nas tragédias gregas, uma *Kalos Thanatos* (bela morte) é uma forte característica dos heróis homéricos, ela está na aceitação do fim, em acolher a morte de forma gloriosa e honrada.

A bela morte do herói se manifesta na memória coletiva, atribuindo ao indivíduo valor histórico pelos seus feitos, mantendo no imaginário popular a imagética da honra e da virtude, ou seja, a bela morte não define apenas o fim, mas também o início da história do guerreiro.

A vida breve, a façanha, a bela morte só adquirem sentido quando encontram lugar num canto pronto a acolhê-las para as magnificar e conferem ao próprio herói o privilégio de ser acódimos, assunto de canto, digno de ser cantado. (Vernant, 1979)

Sabemos assim que a bela morte vem da aceitação, da virtude, da honra, do sacrifício, ela molda o guerreiro em herói, transforma a sua morte em um ato de coragem, de bravura e lhe concede a característica memorável.

A verdadeira razão do feito heroico não deriva de cálculos utilitários, nem apenas da necessidade de prestígio social; funda-se em uma ordem metafísica, pois que deriva da condição humana, que os deuses fizeram mortal, sujeita a decrepitude e ao fenecimento das forças. A morte pode ser ultrapassada se for acolhida e enfrentada; ao invés de sofrê-la, o herói trágico busca escapar ao envelhecimento realizando feitos exemplares, que serão objeto de imorredoura lembrança. A verdadeira morte é o esquecimento, a ausência de fama, a obscuridade; existir é, vivo ou morto, ser lembrado, honrado, sobretudo ser glorificado. (CAMERINO, 2020, p. 45)

Muitas culturas possuem sua própria concepção de bela morte, como os guerreiros vikings que por meio de sua bravura ascendem ao Valhalla, ou os Samurais japoneses que serviam em nome da ética e da honra do seu Bushido, na civilização Asteca também podemos observar características atreladas a essa concepção, para eles, a morte e a vida não eram opostas, mas complementares, a morte iluminava a vida, cada indivíduo era parte de um todo que seria guiado pela vontade dos deuses, suas vidas eram desde o nascimento cercada por rituais que determinariam suas atribuições sociais e definiriam seu rumo dentro da comunidade, morrer era se doar aos deuses e cumprir sua vontade, era encarar os erros da vida e arrepende-se, para assim, concluir o ciclo cosmológico da sua existência.

O destino de cada um era considerado como rigorosamente predeterminado na data de seu nascimento, esta mesma decidida pelas duas divindades supremas: Omelecuhli e Omeciuatl, "o senhor e a senhora da dualidade", Assim, um homem nascido sob o signo 2~tochtli se entregaria à embriaguez; uma mulher nascida em 7-xochitl seria pródiga em seus favores; o signo 4-itzcuintli prometia honrarias e prosperidade. Era possível, contudo, corrigir uma predestinação nefasta, escolhendo um dia mais favorável para dar nome a um recém-nascido. Em princípio, não seria necessário esperar mais do que quatro dias após o nascimento de uma criança para batizá-la. O sacerdote-adivinho consultava os livros e fixava a data. (SOUSTELLE, 1987, p. 60)

Veremos então, como a civilização Asteca atribuía o caráter de bela morte aos seus mortos e como os mexicanos modernos foram influenciados por essa cosmovisão.

## 2 - A CIVILIZAÇÃO ASTECA

A alta civilização Asteca se estabeleceu em uma vasta região, na América do Norte, próximo ao lago Texcoco, na região que hoje conhecemos como México se estendendo até a Guatemala. Sua capital, Tenochtitlán foi erguida em 1325, quando essa população migrou em busca de solo fértil e encontrou as margens do lago Texcoco as condições ideais para estabelecer seu império, durante sua migração, conquistaram terras e influenciaram indivíduos pertencentes a outros povos, como Maias e Toltecas.

Tenochtitlán foi construída como símbolo de devoção e segundo a história tradicional a localização foi tida como uma revelação do Deus da Guerra Uitzilopochtli.

Foi lá que, em 1325, segundo a tradição, Uitzilopochtli falou ao grande sacerdote Quauhcoatl ("Serpente-Águia"). Revelou-lhe que seu templo e sua cidade deveriam ser construídos "em meio ao bambuzal", sobre uma ilha rochosa na qual se veria "uma águia devorando alegremente uma serpente". Quauhcoatl e os demais sacerdotes puseram-se à procura do sinal prometido pelo oráculo; e viram uma águia pousada sobre uma figueira-do-inferno (tenochtli) tendo no bico uma serpente. Lá foi erigida uma simples cabana de bambus, primeiro santuário de Uitzilopochtli e núcleo da futura cidade de Tenochtitlán. (SOUSTELLE, 1987, p. 16)

Figura 2. O Império Asteca.



FIGURA 1 – Mapa: O império Asteca (SOUSTELLE, 1987, p. 15)

Os astecas formaram uma sociedade complexa, estratificada, dividida entre dignatários, sacerdotes, comerciantes e artesãos, camponeses e escravos. Seus interesses eram diversos, abrangendo a pecuária, cultivo, pesca, agricultura, astronomia, matemática, filosofia, medicina, poesia, música, dança entre outras atividades.

Os *ticitl* (médicos) astecas, possuíam vasto conhecimento em relação a fauna e a flora local, estima-se que mais de 1.200 plantas e ervas medicinais eram utilizadas por eles para a cura de diversas doenças e para realizar tratamentos espirituais, a crença na magia e na feitiçaria e nos riscos que essas práticas traziam para o indivíduo também eram tratadas por esses médicos.

O médico de Felipe II, Francisco Hernández, pôde enumerar em torno de 1.200 plantas que os astecas utilizavam em terapêutica. Sem dúvida, empregava-se uma larga proporção de práticas mágicas e feitiços na medicina nativa da época: as doenças eram atribuídas a causas sobrenaturais, à vontade de certos deuses ou aos envoltimentos causados por bruxarias de feiticeiros malévolos. Também o *ticitl* (médico) asteca recorria à adivinhação e à contramagia, às preces e às imposições de mãos. Ao mesmo tempo, porém, eles sabiam reduzir fraturas, pensar feridas, colocar emplastos, aplicar sangrias e, principalmente, ministrar poções de plantas medicinais cujos efeitos — purgativos, diuréticos, antiespasmódicos, sedativos etc. — eram conhecidos e empiricamente verificados através de uma longa tradição. (SOUSTELLE, 1987, p. 58)

A vassalagem era uma prática comum entre esses povos e através dessa prática, Tenochtitlán veio a se tornar a principal cidade do que comporia a tríplice aliança entre as grandes civilizações pré-colombianas. Localizando-se em um ponto estratégico tanto para a agronomia e pecuária quanto para a logística dos seus produtos, o que facilitou sua expansão e fomentou sua importância para a região, sua cultura abrangia desde o

trabalho em argila e pintura até a ornamentação com ouro e prata, eram versados na arte da guerra, mas também possuíam grande apreço pelos deuses, realizando rituais próprios para cada divindade e neles continham músicas e danças, ornamentações e ritos. Sacrifícios humanos em determinadas cerimônias eram de extrema importância para agradar aos deuses e garantir sua satisfação, e assim, suas graças.

Os rituais formavam a base da vida de um indivíduo na civilização Asteca, a partir do seu nascimento, tudo seria entrelaçado as vontades dos deuses e aos Ritos cerimoniais atrelados a cada momento da vida daquele indivíduo.

Tudo se conjugava para determinar, desde o nascimento, a vida e a morte de cada homem: a classe social, o ano, o lugar, o dia, a hora. O asteca era tão pouco responsável por seus atos como por sua morte. (PAZ, 1984, p. 52)

Sua influência de povos olmecas, chichimecas, toltecas, zapotecas entre outros, pode ser observada nas imediações de Tenochtitlán, e através dessa mistura de culturas, não é possível ter certeza da composição do panteão Asteca, mas sabe-se que muitas deidades eram adoradas por essa civilização, deuses esses que se opunham e coincidiam, o sincretismo religioso estava presente nesses relatos, como por exemplo a adoração do Deus Maia Kulkúkan, sob o nome de Quetzacoatl em templos Astecas. Os rituais de adoração dessa civilização eram adornados por obras de arte em ouro e prata, dança, música, poesia, incensos, flores e folhagens, cânticos e sacrifícios, cada ornamento escolhido especialmente para o Deus a ser honrado com a cerimônia. Sacerdotes e dignatários, guerreiros e mulheres, em honra aos deuses ofereciam parte de seu sangue, cortando parte de seus corpos em sacrifícios, para que suas dídivas pudessem recair sobre eles. O sacrifício na cultura Asteca se dava como um ato de altruísmo, a fim de agradar aos deuses não em benefício próprio, mas para a manutenção do sol e da vida, como honra ao deus do Sol Huitzilopochtli e as outras divindades.

Para os antigos astecas o essencial era assegurar a continuidade da criação; o sacrifício não trazia em si a salvação extraterrena, mas sim a saúde cósmica; o mundo, e não o indivíduo, vivia graças ao sangue e a morte dos homens. (PAZ, 1984, p. 53)

A guerra era um elemento fundamental da cultura Asteca, todos os homens eram versados na arte da guerra e possuíam importante papel na defesa da cidade e na conquista de novos territórios e cativos, os guerreiros também atuavam na manutenção de suas crenças, oferecendo aos deuses sua força e seu sangue.

A morte para essa civilização não significava o fim, pois para eles, a vida e a morte eram complementares, parte de um ciclo atribuído pelos deuses, eles tinham plena noção da efemeridade da vida, conforme podemos observar pelo poema atribuído ao Deus-Rei Nezahualcóyotl:

“Não para sempre na Terra, apenas um pouco aqui.

Embora seja jade, ele se quebra,

embora seja ouro, ele se parte,

embora seja plumagem de quetzal, rasga-se.

Não para sempre na Terra, apenas um pouco aqui.”

Os mexicanos foram forjados na guerra, abraçando a morte, conscientes dela. Essa ideia até hoje perpassa pela cultura mexicana, que festeja os mortos e compreende a finitude da vida. Octavio Paz, ao comparar a civilização mexicana à norte-americana, relatou essa diferença entre as duas culturas, relatando a ingenuidade atrelada a cultura norte-americana ao mascarar ou se afastar de determinados pensamentos por serem desagradáveis:

A contemplação do horror, e mesmo a familiaridade e a complacência no seu trato, constituem, pelo contrário, um dos traços mais notáveis do caráter mexicano. Os Cristas ensanguentados das igrejas aldeãs, o humor macabro de certas manchetes de jornal, os velórios, o

costume de comer no dia 2 de novembro pães e doces em forma de ossos e caveiras, são hábitos, herdados de índios e de espanhóis, inseparáveis do nosso ser. Nosso culto à morte é culto à vida, da mesma forma que o amor, que é fome de vida, é desejo de morte. O gosto pela autodestruição não deriva só de tendências masoquistas, mas também de uma certa religiosidade (PAZ, 1984, p. 25)

Para a civilização asteca, cinco eram os tipos de morte possíveis e cada uma delas o guiaria por um caminho, eram elas a "Morte Comum", sendo descrita como uma morte sem honras ou direito ao paraíso. A segunda forma é a morte pela guerra, a terceira é a morte por sacrifício, a quarta é a morte relacionada a água e por último a morte de uma criança, essas quatro últimas, tendo como característica a salvação inerente.

A partir dessa divisão, podemos analisar o que era considerado, para aquela sociedade, como uma "bela morte", ou seja, uma morte considerada digna ou nobre, que possa conduzir o ser para um paraíso de graças, bênçãos e honrarias.

### **3 – A BELA MORTE NA CIVILIZAÇÃO ASTECA**

A Bela Morte implica confronto, ela se mostra no extremo, com um ato heroico que demonstre a bravura do guerreiro, quando não há meio termo e se arrisca tudo, inclusive a própria vida. É no enfrentamento de si mesmo, contra o que quer que venha depois. A Bela Morte está onde o indivíduo abraça com bravura e coragem, a lembrança e a história são intrínsecas à uma bela morte.

Para os antigos mexicanos, vida e morte eram parte de um mesmo ciclo, a vida é para a morte, no entanto, não havia para eles, uma divisão dual, mas complementar, viver, morrer e ressuscitar, alimentar o ciclo da vida com a morte, eram partes do processo cósmico em que baseavam suas crenças e ideais.

A morte é um espelho que reflete as gesticulações vãs da vida. Toda esta matizada fusão de atos, omissões, arrependimentos e tentativas - obras e sobras - que é cada vida, encontra na morte, senão o sentido ou a explicação, o fim. Diante dela nossa vida se desenha e imobiliza. Antes de desmoronar e fundir-se ao nada, é esculpida e toma forma imutável: já não nos modificaremos, a não ser para desaparecer. Nossa morte ilumina a nossa vida. Se a nossa morte carece de sentido, também a nossa vida não o teve (PAZ, 1984, p. 51)

Na civilização Asteca a morte determinava a vida, sua continuidade e seu próximo ciclo, a morte comum era aquela advinda da velhice, por acidentes ou pela maioria das doenças, não possuía caráter de bela morte e não era digna de honrarias, pois não houve ímpeto em buscar uma morte honrosa, de entregar-se a ela. No fim, os indivíduos que morressem nessas condições, seriam levados para o Mictlán, o submundo, dignos de esquecimento, seriam aprisionados pelo resto da eternidade.

A morte dos guerreiros era bem recompensada pelos deuses, onde aqueles que assim morriam, tinham seus "espíritos" levados para próximo do Sol (Tonatiuh), passando quatro anos em paz e tranquilidade e após esse período, retornariam a vida como borboletas ou beija-flores. Tida como uma bela morte, a honra de morrer em batalha reforça o caráter guerreiro dessa civilização, servindo como forma de manutenção dessa prática e ampliando ainda mais a influência dessa população pela expansão territorial e escravização de outros povos.

A morte na pedra de sacrifícios também levaria o indivíduo a viver com o sol, garantindo as mesmas honras que aqueles mortos em batalha. O ritual sacrificial na cultura Asteca permitia que o sol continuasse a brilhar no céu, portanto os sacrifícios eram realizados com o caráter de manutenção da vida. Cada ritual era preparado de acordo com as preferências do Deus a ser honrado com a cerimônia, para o Deus da Chuva Tlaloc, eram bem recebidos sacrifícios de crianças, cujas lágrimas remetiam às chuvas que mantinham as plantações.

Outros sacrifícios envolviam o sangue de moças virgens, onde eram-lhe retirada toda a pele do corpo, com a pessoa ainda viva. Os rituais mais famosos, envolviam a retirada do coração ainda batendo, abrindo-lhe o peito com uma faca de obsidiana. Muitos eram os rituais sacrificiais realizados pelos Astecas e ser uma oferenda

na pedra sacrificial era visto como uma bela morte e lhe permitiria retornar à vida como borboleta ou beija-flor, pois o propósito do sacrifício era para o bem coletivo e não com o objetivo de alcançar graças individuais.

O sacrifício possuía um duplo objetivo: por um lado, o homem acedia ao processo criador (pagando aos deuses, simultaneamente, a dívida feita pela espécie); pelo outro, alimentava a vida cósmica e a social, que se nutria da primeira. Possivelmente, o traço mais característico desta concepção é o sentido impessoal do sacrifício. Do mesmo modo que a vida não lhes pertencia, sua morte carecia de qualquer propósito pessoal. (PAZ, 1984, p. 51)

Outras mortes eram consideradas boas, por serem tranquilas e pacíficas, como a morte por doenças como a sarna e a gota, morrer afogado ou por advento da chuva e dos trovões era associado a Tlaloc, Deus da chuva, o que lhe guiaria por um bom caminho após a morte, mas não concederiam as honras de estar com o Sol.

Quando um personagem importante morria afogado — ou de qualquer modo "distinguido" por Tlaloc —, era enterrado em uma câmara sepulcral, sentado sobre um icpalli, cercado de suas armas e coberto de jóias. Os homens — mesmo os mais humildes — que se afogavam no lago, eram lidos como tendo perecido entre as garras do monstro aquático Auitzotl. Seus cadáveres eram cercados de intensa veneração e enterrados solenemente em um santuário dos deuses da água. (SOUSTELLE, 1987, p. 64)

Às mulheres que morriam durante o parto eram atribuídas características divinas, acreditava-se que teriam o mesmo destino que os guerreiros mortos em batalha e poderiam regozijar-se na companhia do Sol antes de renascerem, mas a elas o ritual fúnebre era complexo e violento, pois os guerreiros acreditavam que ao imbuir sua espada ou escudo com partes do corpo de uma mulher morta no parto, seriam agraciados com mais poder e força para as batalhas, então ao serem levadas no cortejo fúnebre, eram atacadas e tinham partes de seus corpos arrancados por guerreiros que buscavam seus poderes mágicos.

Se, por infelicidade, a mulher morria dando à luz o seu filho, ela deveria, segundo a crença corrente, tomar seu lugar no céu do Ocidente (Ciuatlampa, o "lado feminino"), entre as Ciuateto, ("mulheres divinas"). Lá em um eterno paraíso, ela se juntava às suas companheiras no resplandecente cortejo do sol. O próprio corpo da mulher morta durante o parto era tido como contendo virtudes mágicas. Enquanto o marido, amigos e parteiras a conduziam ao túmulo que a esperava no pátio do templo das Mulheres Divinas, os jovens guerreiros atacavam o cortejo e lutavam para cortar um dedo ou os cabelos da morta, pois era crença que essas relíquias, colocadas em um escudo, cegariam um inimigo. Quanto aos feiticeiros, tentavam violar o túmulo e dele retirar um braço da defunta: graças a ele, poderiam, em certas noites, mergulhar em sono profundo os habitantes de uma casa e assim surrupiar tudo à vontade (SOUSTELLE, 1987, p. 62)

Quanto as crianças, ao morrerem eram levadas ao paraíso, onde poderiam viver em um belo jardim, voando como colibris por toda a eternidade.

Como caso particular, acreditava-se que as crianças que morressem em tenra idade penetrariam em um jardim denominado Tonacaquauhtitlan — "o parque de nossos alimentos" —, onde viveriam eternamente sob a forma de pássaros entre flores. (SOUSTELLE, 1987, p. 63)

A civilização Asteca, apesar de propagar guerras e batalhas sanguinárias, possuía também essa característica mística, lúdica, irrigada em magia e plenitude. Considerados bárbaros, essa civilização se ergueu

com base na restauração da vida coletiva, seus interesses eram em prol do bem de todos e não de um único indivíduo. Eram uma população calorosa, unida na guerra e na adoração aos deuses, possuíam

A cultura mexicana moderna, como nos mostra Paz, ainda que de forma alterada, mutada pelo tempo, ainda se detém de certos signos e significados atribuídos a morte como faziam seus antepassados, eles ainda compartilham essa mesma visão do ciclo que rege a vida, e que se inicia após a morte.

Nossa morte ilumina a nossa vida. Se a nossa morte carece de sentido, também a nossa vida não o teve. Por isso, quando alguém morre de morte violenta, costumamos dizer: "estava procurando". E é verdade, cada qual tem a morte que procura, a morte que constrói para si mesmo. Morte cristã ou morte de cachorro são maneiras de morrer que refletem maneiras de viver. Se a morte nos trai e morremos de uma maneira ruim, todos se lamentam: é preciso morrer como se viveu. (PAZ, 1984, p. 51)

#### 4 – CONCLUSÃO

Como analisado nas fontes abordadas, a civilização Asteca via tanto propósito na morte quanto na vida, e possuíam um forte senso de coletividade e solidariedade, o que culminava para que suas vidas não fossem vistas realmente como “suas”, mas eram parte de algo maior, algo pelo qual eram capazes de dispor da própria vida para manter a ordem divina e assim realizar a vontade dos deuses e manter a vida alimentando o sol com seus sacrifícios. A morte era não só sentida como também era celebrada, gritos e cânticos eram oferecidos aos mortos como forma de reconhecimento e cada indivíduo seguia seu caminho após a morte como parte de um ciclo cosmológico. Como em outras culturas, a bela morte também está presente dentre o povo Asteca, que com seus rituais, crenças e ideais se revelam nos detalhes e nas sutilezas que precedem o fim, a honra e a coragem, a simbologia e as intervenções divinas, signos que determinam o caminho a seguir, os rituais a realizar e a cerimônia adequada para que a passagem do morto seja concluída. Assim, a morte não é o fim, mas um ciclo, um caminho a ser seguido para junto ao Sol e por isso deve ser festejada e celebrada, descarregada em forma de angústia e êxtase.

Os sacrifícios e as oferendas acalmam ou compram os deuses e os santos padroeiros; as dádivas e os festejos acalmam ou compram o povo. O excesso no gasto e no desperdício de energia afirmam a opulência da coletividade. Este luxo é uma prova de saúde, uma exibição de abundância e poder. Ou uma armadilha mágica. Porque, com o esbanjamento, se espera atrair, por contágio, a verdadeira abundância. Dinheiro chama dinheiro. A vida que é regada dá mais vida; a orgia, gasto sexual, é também uma cerimônia de regeneração genésica; e o desperdício fortalece. (PAZ, 1984, p. 48)

Podemos observar que a civilização Asteca foi arbitrariamente taxada através de uma visão colonialista onde as representações se resumiram a barbárie e a selvageria. Contudo, notamos com facilidade que a cultura e a cosmologia asteca se revelam belas, repletas de fascínio pela vida e inclinados a priorizar o bem coletivo, o que destoava dessa visão comum atribuída pelos colonizadores. Eles compunham uma população de estudiosos, religiosos, guerreiros, músicos, artistas, poetas, profetas, matemáticos, filósofos e dignatários. Seus rituais e cerimônias eram alegres e festivas, repletas de emoções diversas acompanhadas por músicas e danças. Temor, êxtase, alegria, transe e dádiva. Morte e vida eram celebradas, assim como ainda hoje fazem os mexicanos modernos, com seus dias sagrados, suas festas santas e celebrações. As raízes astecas fundaram as bases dessa sociedade que reflete até hoje muito da sua ancestralidade.

O mundo asteca apresenta-nos um profundo paradoxo. Como poderia uma sociedade tão comprometida com a regeneração cósmica através da expansão da guerra e do golpe da faca cerimonial ser tão hábil e talentosa no trabalho com penas, na poesia, na escultura e na criação dos filhos? Como pôde um povo que gastou tanta energia,

organização, sangue e riqueza em esforços para obter e sacrificar humanos e animais conceber e esculpir a maravilhosa Pedra do Sol, projetar e executar dezenas de outras obras-primas e organizar uma das maiores paisagens arquitetônicas do mundo? história urbana? Embora quase todo mundo já tenha ouvido falar algo sobre os ritos de derramamento de sangue dos astecas, quase ninguém sabe que eles eram renomados criadores de palavras e adivinhadores, cujas formulações filosóficas impressionaram muito muitos espanhóis. No entanto, a imagem asteca que nos olha através do conjunto de evidências é a de uma surpreendente justaposição de flores, canções e sangue. (CARRASCO, 2012, p. 78)

Octavio Paz faz observações interessantes em relação ao festejar dos mexicanos, que nos reflete aos ritos e celebrações astecas, cito um trecho onde é possível observar que a herança dessa população originária ainda tem influência na cultura e nas celebrações

Nosso calendário está cheio de feriados. Certos dias, igualmente nos lugares mais afastados e nas grandes cidades, o país inteiro reza, grita, come, embriaga-se e mata, em honra à Virgem de Guadalupe ou ao general Zaragoza. Todo ano, no dia 15 de setembro às onze horas da noite, em todas as praças do México, celebramos a Festa do Grito; e uma multidão excitada efetivamente grita pelo espaço de uma hora, talvez para se calar melhor durante o resto do Ano. (PAZ, 1984, p. 45)

Da mesma maneira que os antigos astecas honravam aos deuses em suas cerimônias festivas, com dança, música, comida, bebida e sangue, os modernos mexicanos herdaram essa comunhão entre a vida e a morte, desejo e a realização, intrínsecas ao instinto de se realizar no fim, no extremo. Os gritos, a balburdia, os palavrões e os acontecimentos inesperados, pulsam com a mesma essência.

Os palavrões e as piadas caem como cascatas de moedas de prata. As guitarras florescem. Algumas vezes, realmente, a alegria acaba mal: há brigas, injúrias, tiros, facadas. Mas isto também faz parte da festa. Porque o mexicano não se diverte: quer se ultrapassar, pular o muro da solidão que durante o resto do ano o torna incomunicável. Todos são possuídos pela violência e pelo arrebatamento. As almas explodem como as cores, as vozes, os sentimentos. (PAZ, 1984, p. 47)

O “se ultrapassar” nas festividades mexicanas, podem ser reflexo das festividades rituais dos astecas, onde o rito era uma forma de atingir aos deuses, de chegar a um patamar para além da nossa realidade terrena e conseguir ser visto, ouvido e atendido pela divindade através desse chamado, ultrapassando a si mesmo. Na sociedade mexicana moderna, todo esse estouro nas festividades vem da influência que essa civilização pré-colombiana deixou como legado.

O mexicano, obstinadamente fechado para o mundo e para os seus semelhantes, abre-se diante da morte? Adula-a, festeja-a, cultiva-a, abraça-se a ela, definitivamente e para sempre, mas não se entrega. Tudo está longe do mexicano, tudo lhe é estranho e, em primeiro lugar, a morte, a estranha por excelência. O mexicano não se entrega à morte, porque a entrega traz em si o sacrifício. E o sacrifício, por sua vez, exige que alguém dê e alguém receba. Isto é, que alguém se abra e encare a realidade que o transcende. Num mundo intranscendente, fechado sobre si mesmo, a morte mexicana não dá nem recebe; consome-se em si mesma e a si mesma se satisfaz. (PAZ, 1984, p. 56)

Apesar de escassos os registros feitos pela população asteca e da quase completa destruição de sua herança cultural, ainda podemos enxergar essa ancestralidade estampada em toda a modernidade mexicana, que se desfaz e se reconstrói na balburdia e na agitação, assim como os antigos Astecas.

## BIBLIOGRAFIA

SOUSTELLE, Jacques. A civilização Asteca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

SOUSTELLE, Jacques. Os Astecas na véspera da conquista espanhola. São Paulo, companhia das letras, 1990

PAZ, Octavio. O labirinto da solidão e post scriptum; 4. ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1984

CAMERINO, Luciano. Ser sujeito da morte. 1. ed. São Paulo: LiberArs, 2020

Vernant, J.-P. (1978). A bela morte e o cadáver ultrajado. Discurso, 9, 31-62.

DAS NEVES, Mélanie. A CULTURA ASTECA (1325-1518) O Reinado de Esplendor na América Pré-Colombiana. Disponível em: [https://www.academia.edu/41808426/A\\_CULTURA\\_ASTECA\\_1325\\_1518\\_O\\_Reinado\\_de\\_Esplendor\\_na\\_Am%C3%A9rica\\_Pr%C3%A9\\_Colombiana](https://www.academia.edu/41808426/A_CULTURA_ASTECA_1325_1518_O_Reinado_de_Esplendor_na_Am%C3%A9rica_Pr%C3%A9_Colombiana) . Acesso em: 21 set. 2024, 17:03:36.

CARRASCO, David. Os astecas: Uma breve introdução. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/768100025/Os-Astecas-Uma-Breve-Introducao-David-Carrasco> . Acesso em: 21 set. 2024, 13:16:54.